

APÓS A ACALMIA...

por Mário Soares

1. Portugal festejou, como é tradicional, o período apaziguador da Páscoa, apesar das dificuldades de muitas portuguesas e portugueses. Para os crentes e cristãos, é o período de ressurreição e de esperança e para os que o não são, de natural apaziguamento, da dureza da vida, em relativo descanso, no seio das suas famílias.

Este ano, os azares do calendário levaram-nos a festejar, no dia seguinte à Páscoa, o trigésimo sétimo aniversário da "Revolução dos Cravos", pela primeira vez, fora do seu quadro habitual, em virtude da Assembleia da República, ter sido dissolvida, para a realização de novas eleições legislativas, que terão lugar em 5 de Junho próximo. A crítica situação actual não nos pode fazer esquecer o que foi esse dia único, que nos trouxe a liberdade e a paz e restituiu a todos os portugueses a sua dignidade cívica e consideráveis melhoramentos em todos os aspectos das suas vidas.

Sucede que os portugueses estão hoje muito pessimistas e inseguros, quanto ao seu futuro próximo, depois de tantas notícias desencontradas que lhes chegam, sobre o estado do seu País, as dívidas, os buracos e os milhões e milhões que teremos de pagar, como nos dizem, com pouco rigor, todos os dias, os jornais, as televisões e os comentadores de serviço, nos injectam, sem o pedirmos, doses maciças de pessimismo. Que fazer? Resistir? Mas como se nos bolsos, de muitos escasseia o "vil metal", ao contrário de anos anteriores em que tilintava alegre, como dizia João de Deus: "o dinheiro é tão bonito/tão bonito, o maganão/tem tanta graça, o maldito/tem tanto chiste, o ladrão"...

Por mim, que sou geneticamente optimista, digo para mim próprio, como sempre fiz nos meus dias - e tive muitos, numa vida que já vai longa - "atrás de tempo, tempo vem". Sempre assim foi e será.

Claro que muitos dos meus compatriotas passam sérias necessidades e poderão ter até fome - já há bastantes casos - sobretudo os que vêem os seus filhos sem terem nada para lhes dar, o que é o mais ofensivo da sua dignidade humana. Esses não podem encolher os ombros, assobiar, e pensar que "atrás do tempo, tempo vem". Cada dia conta. Estão angustiados e carecem de ajudas imediatas. Para bem, de todos, é preciso dar-lhes apoio, porque se assim não for, entrará em sério risco a coesão nacional, o supremo valor para um Estado em aperto de cinto, como o nosso e que procura encarar o futuro com esperança.

Apesar de agnóstico, sou leitor contumaz, todos os Domingos, dos artigos de Frei Bento Domingues, sempre extremamente interessantes. Mas não creio que seja suspeito, apesar de ser seu amigo e admirador. Na passada Páscoa escreveu, como de costume, no Público, um artigo, cuja parte final me permito citar, para concluir esta breve e desastrada crónica: "Em Portugal, e não só, todas as notícias da Quaresma foram motivadas pelos efeitos do capitalismo selvagem, especulativo, sem regras, abrigado nos paraísos fiscais, mergulhando os pobres no desespero. Perante o império do dinheiro, da corrupção e da imprevidência que semeiam a morte, a mensagem da Páscoa, deste ano, deve servir para convocar a energia de toda a gente de boa vontade para que não haja indigentes entre nós (Act 4, 34). Esta seria uma Santa Páscoa!" Palavras sábias, de um católico e humanista, que devem ser motivo de reflexão e de acção, para podermos confiar no nosso futuro colectivo.

Uma nova fase

2. Hoje começa uma nova fase política para Portugal. Trata-se não só de nos emprestarem dinheiro a juros altíssimos, para nos libertar da cobiça dos mercados especulativos e dessas celeradas empresas de *rating*, de má memória, mas também de nos concederem crédito suficiente para equilibrar as nossas combalidas finanças, mas também para podermos investir no crescimento da nossa economia, evitar, tanto quanto possível, a recessão e reduzir o desemprego, mantendo o Estado Social, uma das grandes conquistas (incontestáveis) da nossa Democracia.

Não é, obviamente, uma tarefa fácil - como os exemplos grego e irlandês estão aí para o demonstrar - nem há, ao que parece, grande unanimidade, entre os nossos credores que ganham com os empréstimos, que nos fazem - não o esqueçamos - quanto às receitas a aplicar a Portugal. Curiosamente, os europeus (Banco Central Europeu, Fundo Europeu de Estabilidade Financeira e Comissão Europeia) estão a ser mais restritivos, no que respeita ao nosso crescimento económico, do que o Fundo Monetário Internacional que o considera absolutamente, essencial - e bem, quanto a mim - para construir o nosso próximo futuro. A verdade é que o sentido das "receitas" que nos querem impor, muda, com grande rapidez...

Vamos ter pois uma semana cheia, com novidades que tanto podem ser positivas como negativas, em que os negociadores portugueses têm pouca margem de manobra, é certo, mas não podem deixar de reivindicar o que lhes pareça essencial. Tenho esperança, confesso, que os principais Partidos se entendam - como o patriotismo obriga - e que o Presidente da República, do melhor modo que entenda, possa, para maior segurança, avalizar o documento final.

Vamos passar, obviamente, tempos difíceis. Mas para termos força e capacidade para os suplantar precisamos de ter coragem e, sobretudo, de estar unidos. É, por isso, que o entendimento dos Partidos e também dos Parceiros Sociais é, no momento crítico que passamos, excepcionalmente necessário. O interesse nacional assim o exige, independentemente das divergências políticas e ideológicas.

Vamos entrar num período eleitoral, com um pouco mais do que um mês à nossa frente. Os líderes partidários e os parceiros sociais devem pesar as suas responsabilidades. O que, com certeza, os portugueses gostam menos, na situação de emergência em que se encontram, é que em vez de debater, serenamente, ideias, voltados para o futuro, os Partidos se insultem e atribuam, reciprocamente culpas. É um dize-tu-direi-eu, azedo, que não interessa a ninguém. Haja pois prudência, bom senso e já agora, o mínimo despesismo possível. Para bem de todos.

#### A primavera islâmica

3. Está a tornar-se bastante invernososa. O primeiro Povo a rebelar-se contra a ditadura e corrupção - a Tunísia - vai entrar em eleições. Um excelente exemplo!

Pelo contrário, a Líbia está cada vez pior, degenerado o regime do ditador Kadafi, em guerra civil - o pior que podia acontecer - contando já muitas centenas de mortos, dado que o potencial da NATO, parece incapaz de vencer Kadafi e os seus aliados...

O Egipto vai evoluindo, com bastante prudência. Veremos os resultados. Mas o centro das atenções mudou-se para a Síria, onde a repressão está a ser - ao contrário das promessas iniciais - de uma terrível violência, com uma centena de mortos cada dia. Al Assad parece ser implacável, mas agora terá, por muito que lhe custe, de abandonar o poder.

De resto, a primavera tunisina contagiou o Magrebe, o Próximo Oriente e mesmo, agora, vários países de África. Os Povos, no século XXI, educados pelas novas tecnologias informáticas, parecem não suportar ditadores nem a corrupção que lhes é inerente. Representa isso, uma viragem das mentalidades, no sentido da democracia pluralista, que não só foi inesperada como é altamente estimulante. Mesmo para a União Europeia, que está a entrar em decadência - como tenho escrito - e que está a precisar de um novo impulso revolucionário e pacífico, tipo Maio de 1968... Há um certo conservadorismo europeu, que não se suporta, nos tempos que vivemos, e que faz correr, nesse sentido, a União Europeia. Inevitavelmente!

Lisboa, 26 de Abril de 2011